



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SAYONARA SOSSA ANTUNES NICKHORN**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-

**Entrevistado/a:** Sayonara Sossa Antunes Nickhorn

**Nascimento:** 17.10.1966

**Local da entrevista:** Por telefone

**Entrevistador/a:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Data da entrevista:** 13.03.2015

**Transcrição:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Copidesque:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Pesquisa:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 31 min. e 38 seg.

**Páginas Digitadas:** oito páginas

**Observações:**

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

**O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.**

## **Sumário**

Identificação; Escola de Dança João Luiz Rolla; Método de ensino; Espetáculos da escola;  
Jargões utilizados pelo professor; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 13 de março de 2015. Entrevista com Saionara Sossa Antunes Nickhorn a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

S.N. – Saionara Sossa Antunes Nickhorn.

M.C. – Qual tua data de nascimento?

S.N. – 17 de outubro de 1966.

M.C. – Qual tua formação profissional?

S.N. – Sou Professora de Educação Física e Fisioterapeuta.

M.C. – Qual tua naturalidade?

S.N. – Porto Alegre.

M.C. – Gostaria que me falasse como iniciou tua história na dança.

S.N. – Eu tinha uma amiga que fazia balé, a Cristina Ranzolin<sup>1</sup>, que me convidou para fazer balé. A gente era bastante amiga no colégio e ela fazia balé na Lenita Ruschel<sup>2</sup>, onde eu trabalho hoje em dia, e me convidou para fazer. Foi assim que começou. Mas na verdade eu tive uma insatisfação na Lenita, nada grave, nada sério, coisa de adolescente e eu decidi continuar dançando em outro lugar. A escolha pela escola do professor Rolla foi aleatória porque eram as escolas grandes que tinham na época. Tinha a dona Toni<sup>3</sup>, o Rolla<sup>4</sup> e a Chemale<sup>5</sup>. Eu quase me formei lá na Lenita e eu fui mais no final do curso para o Rolla. Eu fiz minha formatura no Rolla. Quando eu cheguei no Rolla foi muito legal porque o método do Rolla era o russo e eu fiquei muito encantada com todos aqueles trabalhos na barra de braços e aquelas coisas dançadas. Eu fiquei meio zozza, porque sempre fui uma aluna muito dedicada e era difícil pra mim quando cheguei, porque era muito diferente da Lenita que já nessa época seguia o método do Royal que é um método

---

<sup>1</sup> Cristina Ranzolin, jornalista.

<sup>2</sup> Lenita Ruschel, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>3</sup> Antônia Seitz Petzhold

<sup>4</sup> João Luiz Rolla

<sup>5</sup> Salma Chemale

muito bacana cheio dos resultados como a limpeza de um trabalho. Mas não tinha aquela coisa de dançar que tinha no Rolla, (método Russo é dançado desde jovem, o Royal inicia primando mais pela limpeza, mais quadrado) e no Rolla, cheguei direto numa turma muito grande, muita guria boa. Todo aquele lugar muito interessante, lugar incrível. Para chegar no Auditório Araújo Vianna tu atravessava a Redenção e eu ia um pouco mais cedo e sentava nas arquibancadas do Araújo e depois ia para aula de balé, era uma coisa muito legal que me fascinou bastante.

M.C. – Gostaria que me falasse como João Luiz Rolla era como professor?

S.N. - Ele era apaixonante. Ele não era um empresário, ele só era um mestre de dança. Não tenho nada contra ser empresário. Eu acho que eu seria empresária se eu conseguisse, não tenho talento para isso, mas, enfim, ele não. Ele era somente um maestro de dança. Uma pessoa que o objetivo único da vida dele era a dança.

M.C. – Tu poderia falar sobre a método de aula utilizado?

S.N. – A metodologia de aula era uma aula repetida por mês. Aquela mesma aula todo mês. Então cada mês tinha uma mesma aula e no final do mês a gente já sabia esta aula decor. Era legal porque a gente aprimorava bastante.

M.C. – Sobre os espetáculos o que tu poderias dizer?

S.N. – Bem, deixa eu lembrar... eu dancei a dança das horas, o condor pássaro... mas ele já chegava sabendo o que ele queria. Não no sentido dos passos, mas no que fazia sentir a coreografia, o que ela passava, o que ele queria com cada passo dentro da coreografia, o que significava para ele aquela coreografia.

M.C. – Tu chegaste a dançar a coreografia 2001?

S.N. – Não. Foi antes de eu entrar.

M.C. – Quanto tempo tu ficaste na escola de João Luiz Rolla?

S.N. – Eu não lembro direito porque eu entrei lá e pelo tempo de dança que eu tinha era para eu me formar já. Mas ele me fez repetir um ano inteirinho. Não interessava se eu não fosse gostar. Para eu me formar na escola dele eu tinha que repetir um ano. Não por que eu não estivesse bem, mais para assimilar o método da escola. Eu fiquei lá uns três anos e

tinha um exame que era uma coisa linda. Não era uma coisa mega complexa, mas ao mesmo tempo era uma avaliação. Eu acho que esta aula era a mesma aula há anos. Nessa aula tu poderias convidar todos os teus familiares. Então tinha a banca e a plateia. Isso era muito legal, muito insólito. Era muito lindo pois o ultimo exercício da barra, eu não lembro se era um adágio ou se era um grand batmen ou um allegro, mas aquela música terminava mas não terminava o exercício. Não sei como chama isso na música tem uma continuação nesta música feita para aula de balé. E as meninas todas saindo da barra em fila, em formação e se colocavam uma do lado da outra de frente para banca examinadora e da plateia e faziam uma reverência. Isso era muito lindo e me chamava muito atenção. Isso é uma coisa que ficou na minha vida porque às vezes eu uso isso em aula com alunos. Essa coisa de terminar a barra e não simplesmente sair da barra caminhando e se posicionar no centro sabe? E sim uma saída como se estivesse terminando uma cena. E a barra do exame ou aula de balé são cenas também. E eu me vejo usando alguns jargões que ele usava [riso], mas isso de repente pode não pegar bem para ele[riso].

M.C. – Já tenho registro em outras entrevistas destes jargões também.

S.N. – Ah é? Bem, por exemplo, [risos] ele dizia: “dá com a cabeça na parede para ver o que acontece!” [risos] Nós temos alguns apelidos que ele dava, por exemplo, as mastodontes e as anões! Eu era dos anõezinhos! Era uma aula muito divertida! Outra coisa engraçadíssima que ele dizia em aula, por exemplo, assim: “meu pai morreu ontem, mas eu sou fulana e vou entrar em cena!” Como quem diz, não importa a vida pessoal do artista!

M.C. – Na tua época ele utilizava uma varinha em aula?

S.N. – Não, ele não usava mais a varinha. Uma passagem engraçada que eu lembro ele já era velho quando eu fui ter aula com ele, não sei se chegava a ter setenta anos já. Eu era uma adolescente. E ele não achava uma fita, uma fita cassete de dar aula. E ele disse: “ninguém sai daqui! ninguém sai daqui até essa fita aparecer!”[riso] O que era legal era que era um monte de adolescente assim como eu, mas que respeitavam ele. Aceitavam essas manias de velho que ele já tinha. De encasquetar com uma coisa, de teimosia, isso era muito legal. Todo mundo respeitava aquilo. Não fazia gracinha, não ria, não debochava.

M.C. – Gostaria que me disseses o que significava dançar nesta escola?

S.N. – Eu me senti num lugar diferenciado na escola do Rolla, nessa questão pura da arte da dança. Era só o que se respirava lá dentro. Não tinha nenhuma outra questão de alguém questionar aparência de alguma pessoa. Não existia bullying naquela época, a palavra não existia, mas o bullying existia. E a gente via isso em outras escolas. O ambiente que ele criava lá dentro era muito saudável no sentido de as pessoas não ficarem competindo. Eu não sentia isso, não tinha nada disso. A gente estava lá unidas pelo balé. E eu fiz algumas amizades lá dentro. E lá não tinha essa coisa de puxar o saco por qualquer outro motivo. Lá as pessoas eram tratadas pelas suas atitudes. Se a pessoa era uma matona de marca maior ele dizia. Esses dias eu encontrei umas gurias que foram minhas colegas lá e elas lembraram uma coisa muito engraçada que ele dizia separando os grupos no centro da sala, pois a turma era muito grande não tinha como todas fazerem o centro juntas. Até porque ele queria ver todos. Então ele dizia: “as podres aqui!” O mais engraçado é que ninguém fica magoado. Eu não era considerada uma podre, mas não era considerada uma boa, ele dizia: “Sayonara é muito caprichosa.” Porque eu era esforçada, dedicada, pontual. Por exemplo, a Isabel Beltrão<sup>6</sup> era maravilhosa, ela era uma bailarina muito talentosa. Eu nunca fui uma bailarina assim. E na ocasião da formatura eu fui chamada para dançar no Balé de Câmara do Sul que era um grupo de dança profissional, entre aspas, pois os cachês entravam eventualmente, mas trabalhava-se duro lá, era o grupo que a escola tinha. Como todas as escolas na época tinham, por exemplo, o Fênix que era da dona Toni, o Majuro que era da Maria Júlia Barbosa. E na formatura eu fiquei em segundo lugar, fiquei muito feliz. E na formatura que era uma coisa muito legal, porque tinha isso da aula que eu te falei, que eu acho que é a mesma. Eu não fiquei muito tempo lá mas esse tempo foi suficiente para eu me encantar e me apaixonar por ele e pelo trabalho dele e pelo amor a dança que ele tinha e ele passou para todo mundo. Foi pouco tempo porque eu fui dançar no Balé de Câmara do Sul e a escola continuou existindo, mas no Bale de Câmara a gente fazia aula só lá de segunda a sábado. E aí ouve aquela questão que eu acho que o Alceu Colares<sup>7</sup>, que assumiu a prefeitura, retirou a sala dele. E a gente queria ir protestar e ele não deixou. E teve também aquele episódio que ele ficou no meio da divisão do Balé de Câmara. Quando eu entrei no Balé de Câmara do Sul ele tinha se partido em dois. Não... quando eu entrei ainda estavam lá todas. Quando eu estava lá é que ele se partiu. E, seu Rolla, coitadinho ficou no meio disso. Ele sacudia a cabeça e dizia: “filhas

---

<sup>6</sup> Isabel Beltrão Brandão, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla

<sup>7</sup> Alceu de Deus Collares, político.

sentimentalismo não existe.” Que era pra gente seguir e não ficar. Porque ficou um clima horrível durante um tempo, de guerra, de justiça, de tirar a coreografia de ti. Enfim, depois da formatura eu comecei a dar aula . Foi um pouco antes de me formar na faculdade. Nesse período também, eu adoro isso que eu faço, eu amo de paixão. Então naquela ocasião eu entrei em Educação Física na ESEF UFRGS, naquele horário bem louco que não seguia um único turno. Então eu fazia aula de manhã e de tarde e eu podia dançar todas as noites e dando aula de manhã e de tarde. E eu comecei a achar que eu deveria encaminhar outra profissão. Eu estou com quarenta e oito anos, por causa da questão física, graças a Deus eu estou bem ainda, mas até pra poder me preservar e dançar por mais algum tempo eu gostaria de poder diminuir muito as minhas aulas. E eu fiz Fisioterapia no IPA, sou fisioterapeuta. E fiz uma especialização em dança na PUC e ali foi muito bom conhecer pessoas bem diferentes na dança. Interessante que eu atendendo os meus pacientes, muitos são meus colegas, eu atendo e parece que eu estou dando aula porque eu sou muito animada. Eu com aquele jaleco branco as pessoas me olham me acham meio estranha, um estranho bom, pois é uma coisa animada com esse espírito de uma aula de dança.

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

S.N. – Eu me encantei tanto por ele que, quando ele fechou a escola eu frequentei a casa dele. Eu ia visitar ele. Depois eu fui visitar ele no asilo. Mas eu acho que essa entrega que ele tinha cada vez que ele colocava o pé dentro da sala de aula um exemplo de quem respirava dança! Eu acho que é um misto de uma coisa minha com uma coisa que eu vi lá dentro da escola, pois quando eu cheguei lá tudo já acontecia. Imagina eu não entrei pequena, isso me chamou muito a atenção. O balé era a vida dele, ele não teve filhos, viveu pra sua dança. Isso foi muito apaixonante, mas o que tornou para mim inesquecível foi essa entrega dele à dança, a disciplina que a gente tinha que ter, esse amor dele à dança que me contagia e me faz lembrar dele em alguns momentos. Eu cito ele na minha aula em vários momentos eu cito para os meus alunos como meu professor diria... e repito as coisas que ele falava, alguns jargões que ele usava. Então ele é um exemplo pra mim. Ele é um dos exemplos que eu tive na minha vida que foi um período relativamente curto comparado com toda a minha formação mas teve um peso muito grande.



M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]